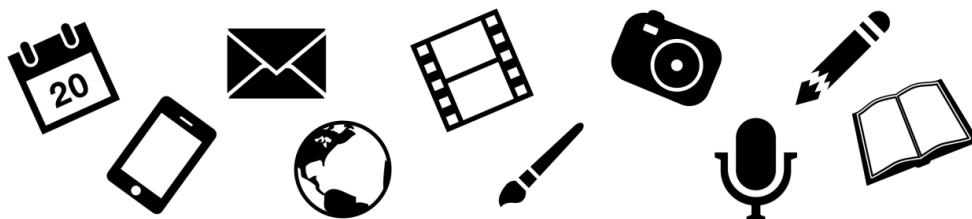




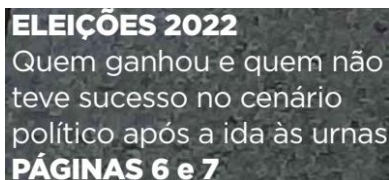
**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

## UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



*Agcom*  
Agência de  
Comunicação  
da UFSC

**05 e 06 de novembro de 2022**



## QUEM GANHOU E QUEM PERDEU NAS ELEIÇÕES DE 2022 EM SC

Mudanças no governo do Estado e na representação na Câmara dos Deputados e na Assembleia Legislativa de Santa Catarina evidenciam ascensão e perda de espaço de lideranças políticas



O bolsonarismo deixou de ser onda passageira e transformou-se em preferência consolidada entre eleitores de Santa Catarina.



Apesar de derrotado no 2º turno em SC, o PT também recuperou força no Estado com a inédita segunda colocação do candidato do partido no Estado

**JEAN LAURINDO**  
jean.laurindo@nsc.com.br

O resultado das Eleições 2022 novamente promoveu forte mudança nas peças do tabuleiro da política catarinense. Assim como em 2018, quando o Estado assistiu à vitória de nomes menos conhecidos no embalo da primeira onda bolsonarista, neste ano as urnas também mudaram a relação de forças de políticos e partidos no Estado.

O bolsonarismo deixou de ser onda passageira e transformou-se em preferência consolidada entre eleitores de SC. O governador eleito Jorginho Mello (PL) teve no número 22 do atual presidente Jair Bolsonaro, um forte impulso para vencer a disputa no dia 30 de outubro. Da mesma forma, o PL também ajudou no triunfo de candidatos a deputados estaduais e federais. O partido elegeu seis dos 16 deputados federais catarinenses e 11 dos 40 estaduais que vão compor a Assembleia Legislativa (Alesc).

### MAIORES VENCEDORES FORAM FORÇAS LIGADAS A BOLSONARO

Apesar de derrotado no 2º turno em SC, o PT também recuperou força no Estado com a inédita segunda colocação do candidato do partido no Estado, Décio Lima, e a ampliação do número de cadeiras na Câmara para duas. Em contrapartida, nomes que chegaram à eleição com grande expectativa, mas ficaram de fora até mesmo do segundo turno, como o governador Carlos Moisés (Republicanos) e o ex-prefeito de Florianópolis, Gean Loureiro (União), saem em baixa do processo eleitoral deste ano.

O professor de Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Tiago Daher Padovezi Borges, afirma que de forma geral os maiores vencedores das eleições em SC foram forças partidárias ligadas a Bolsonaro.

Tem uma votação muito expressiva e estável, com poucas surpresas para o Jorginho, com apoio direto de Bolsonaro. Jorginho ganhou uma visibilidade nacional muito grande por conta da CPI defendendo o Bolsonaro. Então, Santa Catarina é um dos quadros mais simples, com pouca oscilação. Do primeiro para o segundo turno, foi uma competição muito estável, com pouca surpresa, e a direita sagrou-se bem vitoriosa – avalia.

### COMO FICOU

Confira a seguir quem ganhou e quem perdeu nas Eleições 2022 em SC:

#### QUEM GANHOU

##### JORGINHO MELLO (PL)

O governador eleito Jorginho Mello (PL) manteve a escrita de nunca ter perdido uma eleição e conquistou nova vitória, agora para comandar o governo de SC. Embalado pela nova onda bolsonarista registrada no Estado, Jorginho conseguiu deixar para trás o atual governador Carlos Moisés (Republicanos) e nomes conhecidos da política como Gean Loureiro e Esperidião Amin ainda no 1º turno. Jorginho triunfou no 2º turno que repetiu a polarização PL-PT em Santa Catarina, com a disputa contra Décio Lima (PT). Ele ainda conseguiu eleger o candidato ao Senado, Jorge Seif, seis deputados federais e 11 estaduais do PL, tendo as mais votadas nas duas disputas. Uma vitória praticamente completa. Só não o foi, como o próprio eleito afirmou na entrevista após a apuração, pela derrota do presidente Jair Bolsonaro. Ainda assim, em SC, Bolsonaro fez 69% dos votos.

##### JORGE SEIF (PL)

O ex-secretário Nacional da Pesca, Jorge Seif, surpreendeu na disputa deste ano. Embora não liderasse as pesquisas, conquistou a vaga de senador com folga, obtendo 1,4 milhão de votos (39% do total) e deixando de fora nomes tradicionais como o ex-governador Raimundo Colombo (PSD) e o atual senador Dário Berger (PSB). O empresário, que já era próximo do presidente a ponto de ser chamado de “06” por Bolsonaro, na sequência da numeração dada pelo presidente aos seus filhos, será um dos principais nomes bolsonaristas no novo Senado.

##### ANA CAMPAGNOLO (PL)

Outro nome bolsonarista que saiu em grande evidência das eleições deste ano é o da deputada estadual reeleita Ana Campagnolo (PL). A parlamentar foi a mais votada do Estado e teve votação recorde, com 196 mil votos. O desempenho fortalece as bandeiras da deputada, que se declara conservadora e antifeminista.

##### CAROL DE TONI (PL)

Na mesma linha de combate de Campagnolo, Carol de Toni também foi uma forte defensora do presidente Jair Bolsonaro, estando sempre ao lado dele em eventos, atos públicos e votações. Teve esse papel retribuído nas urnas, sendo a deputada federal mais votada de SC, com 223 mil votos. Na Câmara, de Toni deve se juntar a nomes conhecidos do bolsonarismo na defesa do ex-presidente e na oposição ao futuro governo Lula.

##### FAMÍLIA LIMA (PT)

Embora derrotado no 2º turno, o ex-deputado federal Décio Lima (PT) também saiu da eleição deste ano com motivos a comemorar. Após o 4º lugar obtido na disputa pelo governo em 2018 e derrotas dos candidatos defendidos por ele para a prefeitura de Blumenau nas eleições anteriores, Décio ressurgiu para a cena política catarinense e foi bem-visto pela cúpula nacional do partido, por ter chegado ao 2º turno em um estado de maioria bolsonarista.

Não conseguiu ameaçar a vantagem de Jorginho, mas elevou a votação de 17% para 29% dos votos válidos – 1,2 milhão de votos, o melhor resultado do partido. Além disso, a ex-deputada estadual e esposa de Décio, Ana Paula Lima (PT), que havia ficado de fora da Câmara por um voto em 2018, foi eleita deputada federal como a 4ª mais votada em SC, com 148 mil votos.

O professor de Ciência Política da UFSC, Tiago Daher Padovezi Borges, sustenta que a ida ao 2º turno, o que pode representar um triunfo para o PT, se deve mais à divisão de quatro candidaturas de centro-direita.

Claro que ir ao segundo turno é positivo, até para a campanha do PT em geral, é um palanque a mais, mas em termos de desempenho em si, é muito frágil. Pouco ameaça o outro candidato (Jorginho Mello) – avalia.

## QUEM PERDEU

### CARLOS MOISÉS (REPUBLICANOS)

O atual governador Carlos Moisés (Republicanos) teve o principal revés da eleição deste ano em SC. Eleito com auxílio da onda bolsonarista em 2018, Moisés teve um governo turbulento marcado por dois processos de impeachment, condução da pandemia com episódios como a polêmica compra de respiradores e uma abertura política, que deu estabilidade aos dois anos finais do governo. Em 2022, Moisés filiou-se ao Republicanos e conseguiu atrair o apoio de legendas como MDB e Podemos. Ainda assim, viu o desempenho nas pesquisas despencar e saiu da liderança para ficar em 3º lugar, com 16,99% dos votos, fora do 2º turno. Além disso, os nomes de ex-secretários escolhidos por ele para disputar cadeiras na Câmara e na Alesc também tiveram desempenho aquém do esperado. Apenas um dos 13 ex-secretários de Moisés que disputaram a eleição este ano conseguiu se eleger. Foi Altair Silva (PP), que já era deputado e se licenciou do cargo para ser secretário de Agricultura.

O professor de Ciência Política da UFSC relaciona a derrota com o distanciamento dele com Bolsonaro:

– Sai enfraquecido porque não consegue se reeleger, e é comum ter uma reeleição. A competição em SC foi muito contaminada pelo ambiente nacional – avalia.

### GEAN LOUREIRO (UNIÃO)

Dois anos após ser reeleito em 1º turno como prefeito de Florianópolis, Gean Loureiro (União) tentou concorrer ao governo de Santa Catarina. Nas pesquisas do 1º turno, chegou a disputar a 2ª colocação com Carlos Moisés, mas terminou em 4º lugar, com 13,6% dos votos. Fora do 2º turno e sem previsão de mandato até 2026, agora precisará redirecionar a trajetória. Além da derrota na disputa pelo governo, ele viu a coligação não eleger o candidato ao Senado, Raimundo Colombo (PSD).

Apesar disso, o cientista político da UFSC acredita que por ter sido a primeira eleição estadual de Gean, essa pode ter sido uma ocasião interessante para ganhar visibilidade.

– Talvez na ideia de um projeto de médio prazo, tenha sido um desempenho interessante para se viabilizar em outras oportunidades – analisa.

### FAMÍLIA AMIN (PROGRESSISTAS)

A Família Amin também sai das eleições de 2022 com resultados negativos em SC. O nome mais famoso, Esperidião, tentou disputar o governo do Estado, mas terminou em 5º lugar, com 9,7% dos votos. Por ainda ter mais quatro anos de mandato como senador, no entanto, a derrota de Amin não chegaria a representar grande prejuízo político.

No entanto, a esposa de Esperidião, Ângela Amin, não conseguiu se reeleger como deputada federal e ficará sem mandato na próxima legislatura. Dois anos atrás, ela já havia tido uma derrota impactante ao ficar apenas em quarto lugar na corrida pela prefeitura da Capital.

Por fim, o filho do casal, João Amin, atual deputado estadual, também não conseguiu se eleger para mais um mandato na Alesc. Com isso, os três membros da família Amin saíram com derrota das urnas em 2022.

### RAIMUNDO COLOMBO (PSD)

Quatro anos após perder a disputa por uma vaga no Senado, o ex-governador Raimundo Colombo (PSD) tentou novamente a sorte na corrida pelo mesmo cargo. E o enredo foi muito parecido. Mais uma vez, Colombo liderou as pesquisas de intenção de voto, mas teve um revés quando as urnas foram abertas. Desta vez, ficou em 2º lugar, e quase empatando em votos com Dário Berger (PSB), até então tido como o principal rival. Com isso, o político, que já havia se distanciado dos holofotes nos primeiros meses após o resultado de 2018, também precisará recalculer a rota política. Segundo especialistas, tanto Amin quanto Colombo teriam sido prejudicados por uma rejeição a nomes da chamada “política tradicional”.

### HÉLIO COSTA (PSD)

O jornalista Hélio Costa (PSD, ex-Republicanos) foi o deputado federal mais votado de SC nas eleições de 2018, mas experimentou uma forte redução na votação na disputa deste ano. Com 18 mil votos recebidos, ficou longe de conseguir a reeleição, e também ficará sem mandato na próxima legislatura. No novo partido, o PSD, viu os colegas Ismael dos Santos e Ricardo Guidi conseguirem a eleição à Câmara, e o companheiro de profissão Mário Motta, Napoleão Bernardes e Júlio Garcia ganharem espaço no partido ao assegurarem vagas para a Alesc.

## Como deve ser a relação de forças de Lula e Jorginho Mello com o Legislativo

A nova relação de forças políticas em SC será um desafio em especial para os novos governantes a partir de 2023. No caso do governo do Estado, Jorginho Mello pode ter cenário mais tranquilo em razão do desempenho dos candidatos do partido na Alesc. O PL elegeu 11 nomes e, com isso, o novo governador já larga com mais de um quarto do parlamento a seu favor. De oposição clara, Jorginho deverá ter cinco nomes: os quatro deputados estaduais do PT e Marquito, estreado do PSOL no parlamento estadual. Os outros 24 deputados eleitos estiveram com outros candidatos a governador, como Moisés, Gean e Amin.

Nesse sentido, são nomes que exigiriam negociação de Jorginho para compor uma eventual base governista na Alesc. No entanto, a maioria desse grupo já se manifestou a favor de Jorginho na disputa do 2º turno, o que já pode ter aberto caminho para a composição do apoio. O primeiro desafio deve ser a composição da mesa diretora, que ocorre em fevereiro.

No caso da presidência, o governo Lula tem desafio muito maior para conseguir compor uma base de apoio. A coligação do petista elegeu 122 dos 513 deputados federais, menos de um quarto do parlamento e insuficiente para aprovação de simples projetos de leis. A chapa de Bolsonaro elegeu 187 nomes – somente do PL, partido do presidente, foram 99, que se somam aos eleitos de PP e Republicanos.

Com isso, restam 204 deputados federais de partidos que apoiaram outros candidatos ou ficaram neutros na disputa presidencial. Siglas como o MDB de Simone Tebet, que apoiou Lula no 2º turno, PSD e União Brasil estão no radar do PT para tentar formar uma base governista. A maioria da Câmara, no entanto, é formada pelo chamado “Centrão”, grupo fisiológico que inclui até mesmo membros de PP e PL e que pode fazer acenos a Lula em troca de cargos ou emendas do relator, por exem-

plo. Essa negociação deve se colocar já na articulação para a escolha da nova mesa diretora, que deve ter Arthur Lira (PP-AL) como candidato à reeleição.

Os deputados de SC não devem oferecer muita surpresa em relação a um eventual apoio a Lula, pelo menos na largada da legislatura. O Estado elegeu seis deputados do PL e oito de partidos que tinham outros presidentes. No entanto, esses oito parlamentares têm perfil mais alinhado ao presidente Bolsonaro, o que pode dificultar inclinações a Lula neste início do governo. Votos catarinenses certamente garantidos para o petista até o momento são dois, dos eleitos do PT no Estado: Pedro Uczai e Ana Paula Lima.

### CENÁRIO MELHOR PARA JORGINHO DO QUE PARA LULA

O professor de Ciência Política da UFSC, Tiago Daher Padovezi Borges, afirma que Jorginho Mello deve ter uma base mais sólida, mas que mesmo assim precisará negociar nas votações, especialmente nos casos de pautas impopulares.

– Ele vai sair com maioria expressiva e tem um perfil diferente de Moisés. Tem experiência de Legislativo, sabe como as coisas operam e possivelmente vai montar uma coalizão sólida, tendo pouquíssima dificuldade para governar – analisa.

No governo federal, Lula precisará de um potencial maior de negociação pela complexidade do Congresso e a predominância de forças da centro-direita.

– Lula vai ter que fazer o que sempre fez quando foi presidente: vai ter que negociar. Ele deve montar uma coalizão, não diria muito ampla, mas alguma coalizão expressiva. Os primeiros sinais do discurso, da montagem da transição, de quem vai compor, que no caso é Geraldo Alckmin, acenam para essa composição da esquerda indo para o centro – afirma Borges.

## COMO FICARAM AS COMPOSIÇÕES

### ALESC

#### Apoiaram Jorginho ou Décio

PL: 11  
PT: 4  
PSOL: 1

#### Apoiaram outros candidatos

Republicanos (partido de Moisés): 1  
MDB (apoiou Moisés): 6  
Podemos (apoiou Moisés): 3  
União Brasil (partido de Gean Loureiro): 3  
PSD (apoiou Gean Loureiro): 3  
PP (partido de Amin): 3  
PSDB (apoiou Amin): 2  
PTB (apoiou Amin): 1

PDT (partido de Jorge Boeira): 1  
Novo (partido de Odair Tramontin): 1

### DEPUTADOS FEDERAIS DE SC

#### Apoiaram Bolsonaro ou Lula

PL: 6  
PT: 2

#### Apoiaram outros candidatos

Cidadania (apoio Tebet no primeiro turno): 1  
MDB (partido de Tebet): 3  
PSD (neutro na eleição presidencial): 2  
Novo (partido de Felipe d'Ávila): 1  
União Brasil (partido de Soraya Thronicke): 1

**DC Revista, AN Revista e Santa Revista (05.11 – 11.11.2022)**

**Capa e Eleições 2022**

“Os desafios da transição em Brasília”

Os desafios da transição em Brasília / Julian Borba / Professor / Universidade  
Federal de Santa Catarina / UFSC

**COMPORTAMENTO**

Os desafios da transição em Brasília e como as lideranças devem atuar para unir o país

**PÁGINAS 14 e 15**



O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) destacou, no primeiro discurso após a vitória nas urnas sobre Jair Bolsonaro (PL), a necessidade de conciliação do país, ao dizer que “não existem dois Brasis, mas um só”. A realidade dos dias seguintes, no entanto, reforçou a dura missão para isso e o atual estado de ruptura, com bloqueios ilegais em rodovias e atos antidemocráticos com especial apelo em Santa Catarina, que ainda contestam o resultado, chegam a pedir novas eleições e até um golpe militar.

Para especialistas consultados pela reportagem, a pacificação dos ânimos e a retomada do diálogo pretendidas por Lula dependem, fundamentalmente, da efetivação de um governo amplo e de crescimento econômico, apostas já sinalizadas por ele.

#### CONDIÇÕES PARA A PACIFICAÇÃO

O cientista político Julian Borba, professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), diz que um primeiro passo de conciliação foi dado por Lula durante a candidatura, quando trouxe o histórico adversário Geraldo Alckmin (PSB) para compor a chapa e recebeu apoio de outros nomes dissonantes, casos de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), Marina Silva (Rede), Simone Tebet (MDB) e João Amoêdo (Novo).

– A efetividade de pôr fim à divisão de dois Brasis vai depender de três condições. Uma delas já foi encaminhada durante a campanha, que é a constituição de uma coalizão ampla, de um governo que não seja só do PT, que vá da centro-direita à esquerda.

– O segundo ponto vai estar no plano institucional, vai depender da capacidade que Lula terá de transformar essa coalizão de campanha em uma coalizão de governo e de ter uma maioria no Congresso – explica Borba, que emenda uma última condição.

– O terceiro ponto, que talvez seja o mais importante, diz respeito à capacidade de executar políticas públicas que consigam ter um amplo respaldo popular. Ou seja, essa ideia de unidade nacional vai depender da capacidade

dele em produzir crescimento econômico. É disso que vai surgir orçamento para fazer políticas de inclusão e, de alguma maneira, reverter o discurso do antipetismo. É a satisfação com a economia que vai promover uma mudança de visão sobre o governo – avalia o cientista político.

O economista Eduardo Guerini, professor da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), vai ao encontro do que diz Borba e afirma ter visto outras sinalizações de Lula em dar prioridade à economia na tentativa de retomada do diálogo, tendo minimizado a pauta de costumes alçada por Bolsonaro ao longo do governo.

– Os primeiros movimentos de Lula são de restabelecer o diálogo com os principais parceiros da comunidade internacional, para se produza um efeito cumulativo de crescimento econômico para distribuição da renda, e de organizar o orçamento de 2023, para garantir o auxílio, o aumento do salário mínimo e a alavancagem do crédito.

O sociólogo Fernando Scheffer, professor da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), avalia, no entanto, que tanto a formação de uma coalizão no Legislativo quanto a promoção de crescimento econômico serão mais difíceis para Lula agora do que em 2003, quando deu início ao primeiro mandato à frente da presidência da República.

Naquela ocasião, ele tinha de largado o apoio de 207 nomes na Câmara dos Deputados – hoje são 140. Eram ainda 190 parlamentares de oposição e outros 116 com apoio condicionado ou independentes – agora são 214 e 159, respectivamente. No Senado Federal, a condição é ainda mais complicada: só 15 são da base lulista, enquanto há 34 opositores e outros 34 senadores que podem ou não dar eventual apoio.

– Mesmo sendo reconhecido como um bom articulador político, Lula terá dificuldade em se relacionar com a ala ideológica bolsonarista. Para complicar esse desafio teremos um próximo ano difícil, sobretudo pelo furo nas contas públicas. O país terá dificuldade de honrar os compromissos, e tudo isso será munição para os radicais – avalia o sociólogo.

Ainda assim, ele pondera haver hoje uma oposição menos alinhada ideologicamente e, portanto, mais aberta a negociar apoio, em especial dos partidos do “Centrão”. Scheffer diz ainda que uma boa relação do Executivo com o Legislativo e também com o Judiciário, alvo de ataques ao longo do governo Bolsonaro, será fundamental não só em termos de governabilidade, mas também para dissipar o clima das eleições.

## O que esperar da transição de governo

Os três especialistas avaliam que o processo de conciliação no país poderia ter sido iniciado já por Bolsonaro, desde que tivesse sido contundente em reconhecer a derrota e a lisura do pleito. Ele se manteve, no entanto, em silêncio, até vir a público para agradecer pelos votos na última terça-feira, dia 1º de novembro. A transição de governo só foi anunciada por Ciro Nogueira, ministro-chefe da Casa Civil.

– O atual presidente perdeu uma boa oportunidade para começar esse processo. Um discurso admitindo claramente a derrota, desejando sucesso ao candidato eleito e não deixando dúvidas sobre o processo eleitoral seria um bom começo. O fato é que essa pacificação não iniciou – afirma Scheffer, professor da Udesc.

– Ele já deu demonstrações de que não vai fazer mais do que fez até agora. Há uma incógnita sobre suas ações – emenda Borba, pesquisador da UFSC.

Já Guerini diz que a conduta do presidente endossou os bloqueios em rodovias, embora Bolsonaro tenha vindo a público na quarta-feira, dia 2, pedir o fim deles:

– A democracia pressupõe a alternância no poder, e a derrota tem de ser reconhecida pelos candidatos que disputaram a eleição presidencial. Os mesmos que votaram e perderam agora estão exigindo intervenção militar, algo que é crime do ponto de vista da Constituição Federal. Pregar golpe de Estado atenta contra ela, e as autoridades deveriam tratar isso como um crime contra o Brasil. Não há diálogo com criminosos e golpistas, e, sim, o uso do devido processo legal – defende o professor da Univali.

## Bolsonaro e a oposição

Guerini diz ainda avaliar que o presidente Bolsonaro, uma vez fora do cargo, deve se manter no cenário político mais ao estilo Donald Trump, que não se tornou um articulador da oposição nos Estados Unidos mesmo após derrotado nas eleições. Borba concorda com ele.

– Bolsonaro vai se colocar como uma liderança de extrema-direita, fazendo o que fez ao longo de sua carreira. Ele não tem agenda política para ser líder de oposição, não é um homem de partido. De alguma maneira, ele é um agitador – afirma o professor.

O acadêmico diz entender que a oposição programática da direita no país, que Bolsonaro disse em seu breve discurso pós-eleições existir de verdade agora no país, deverá ser protagonizada por três governadores deste campo político: Tarcísio de Freitas (Republicanos), de São Paulo, Romeu Zema (Novo), de Minas Gerais, e Eduardo Leite (PSDB), do Rio Grande do Sul.

**DC Revista, AN Revista e Santa Revista (05.11 – 11.11.2022)**

**Renato Igor**

“Antissemitismo”

Antissemitismo / Nazismo / Centro de Educação e Memória do Holocausto da StandWithUs Brasil / Departamento de História / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

## ANTISSEMITISMO (1)

Além da esfera jurídica, a educação é o caminho correto para que novos e lamentáveis casos de antissemitismo não se repitam nas dependências da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em outubro, após a operação da Polícia Civil, que ocasionou na prisão de quatro estudantes da UFSC que pertencem a uma célula nazista em Santa Catarina, ocorreram, na última semana, mais quatro episódios de apologia ao nazismo na universidade.

Em outubro, o presidente executivo da StandWithUs Brasil, André Lajst, fez a entrega dos livros “O que é antissionismo? (e é a forma de antissemitismo?)”, “Cartas ao meu vizinho palestino”, “A Guerra do Retorno”, “A Indústria de Mentiras” e o “o Impasse de 1967”, que são traduzidos pela organização educacional (em parceria com as editoras Contexto e É Realizações) para o Departamento de História da UFSC e abriu-se a oportunidade de parcerias entre ambas as instituições para o ano de 2023.

## ANTISSEMITISMO (2)

Somente nos meses de setembro e outubro, o Centro de Educação e Memória do Holocausto da StandWithUs Brasil registrou 10 casos de grande repercussão de apologia ao nazismo em escolas e universidades do Brasil, dos quais cinco ocorreram no Sul do país (três em Santa Catarina e dois no Paraná).

O caminho é a educação: “Nós acreditamos que a educação é o caminho para a paz”, lema da Standwithus Brasil para produzir uma educação de qualidade que mitigue o antissemitismo e o antissionismo no país.

**DC Revista, AN Revista e Santa Revista (05.11 – 11.11.2022)**

**Dagmara Spautz**

“Nazismo”

Nazismo / Vice-Reitora / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

## NAZISMO

Mensagens com teor nazista que têm aparecido na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e a identificação de estudantes investigados pela Polícia Civil como neonazistas, coincidem com o momento em que a UFSC tem pela primeira vez uma vice-reitora negra.

**Notícias do Dia**

**Cacau Menezes**

“Estádio da Copa”

Estádio da Copa / Décio Ferreira / 4º BIM Crea-SC / Conexão BIM / Centro de Cultura e Eventos / UFSC

### ***Estádio da Copa***

O arquiteto que projetou o estádio da final da Copa do Mundo no Catar, Décio Ferreira, vem a Florianópolis este mês. Ele é um dos palestrantes do 4º BIM Crea-SC, programado para os dias 16, 17 e 18 de novembro no Centro de Eventos da UFSC. O evento é organizado pela Conexão BIM.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

# CLIPPING DIGITAL

05/11/2022

[Agricultores do Sul usam fogo para salvar lavouras da geada](#)

[Agricultores do Sul usam fogo para salvar lavouras da geada](#)

[Autoridades internacionais confirmam presença em evento sobre futuro da energia solar no Brasil](#)

[Congresso reúne mil fiscais estaduais de todo o Brasil em Costa do Sauípe](#)

[Crimes de ódio crescem na região de Rio Preto e vão parar na Justiça](#)

[Estudante envia mensagens nazistas e homofóbicas em grupo da escola no DF](#)

[Inep aponta crescimento do ensino a distância no Brasil](#)

[Inep aponta crescimento do ensino a distância no Brasil](#)

[Novos desembargadores relembram luta contra racismo e xenofobia](#)

[Os desafios da transição no governo federal](#)

[Paradesporto 2](#)

[Paranaense faz terceira melhor marca do mundo no arremesso de peso paralímpico](#)

[PPG-Fil, da UFPel, promove conferência "A desobediência civil é um direito?" na segunda, dia 7](#)

[Professor de história de escola pública de SC que elogiou nazismo na web é afastado](#)

[Quem é o advogado de Joinville que concorre à vaga de desembargador no TJSC](#)

[Realidade paralela de grupos antidemocráticos soma medo a teorias conspiratórias](#)

[Simpósio Brasileiro de Futebol e Futsal recebe grandes nomes](#)



**06/11/2022**

**Enfoque D'P: Um novo centro é a solução. Ou não?**

**Excelência acadêmica e preparo para o vestibular**

**Frio atípico inicia trégua em Minas nesta semana**

**HU-UFSC/Ebserh inicia mês de novembro com reforço no quadro de pessoal**

**HU-UFSC/Ebserh inicia mês de novembro com reforço no quadro de pessoal**

**'Multiverso' bolsonarista une teorias da conspiração, paranoias delirantes e fé em golpe militar**

**Paranaense faz a terceira melhor marca do mundo no arremesso de peso em competição**

**Pesquisa inédita mostra como a população de Florianópolis enxerga a cidade**

**Realidade paralela de grupos antidemocráticos soma medo a teorias conspiratórias**

**'Se ele fez com judeus, eu faço com petistas': discriminação e ameaças invadem escolas e universidades no cenário pós-eleição**

**'Voto casado' para governos atropela correlação de forças estaduais**

**'Voto casado' para governos atropela correlação de forças estaduais**